

Mundo

CONEXÃO RUSSA

Dentro da Casa Branca

Ex-assessor de Segurança Nacional confessa que mentiu e aproxima investigação de Trump



Mudança de lado. Flynn chega à corte em Washington para depor: Casa Branca procurou afastar-se do ex-assessor, que se comprometeu a colaborar com as investigações

HENRIQUE GOMES BATISTA
Correspondente
henrique.batista@oglobo.com.br

WASHINGTON Michael Flynn, ex-assessor de Segurança Nacional de Donald Trump, levou as investigações sobre a interferência russa nas eleições americanas de 2016 para dentro da Casa Branca. Ontem, ao se declarar culpado por mentir no inquérito do caso e ter decidido colaborar com as investigações, Flynn disse que recebeu "ordens da campanha" para ter contatos com emissários de Moscou em conversa irregulares. Analistas e políticos confirmam que isso é mais grave que a rodada anterior de denúncias — que atingiram o ex-chefe da campanha de Trump, seu sócio e um assessor — e pode respingar até no genro do presidente. Embora a Casa Branca negue irregularidades, fontes sigilosas ouvidas pela imprensa americana afirmam que a colaboração de Flynn foi um duro golpe no governo.

Além do potencial de afetar pessoas próximas ao presidente, pelo suposto conluio com os russos na interferência ordenada por Moscou nas eleições presidenciais do ano passado para prejudicar a candidata democrata Hillary Clinton, a colaboração de Flynn com o procurador especial Robert Mueller é uma dor de cabeça pessoal para Trump.

CASA BRANCA NEGA ENVOLVIMENTO

Primeiro pela defesa que o presidente fez, diversas vezes, de seu complicado ex-assessor, a ponto de ter ignorado o conselho de seu antecessor, Barack Obama, que durante uma das reuniões de transição lhe indicou que não confiasse em Flynn, demitido do governo do democrata em 2014. E, principalmente, por Trump ser suspeito de ter obstruído a Justiça ao ter pedido a James Comey, então diretor do FBI, que "deixasse de lado" as investigações contra Flynn, "um bom rapaz", segundo depoimento do próprio Comey, que acabou demitido pelo presidente.

— Este é um momento sombrio na História da nossa nação — afirmou Nancy Pelosi, a líder democrata na Câmara dos Representantes.

Michael Flynn se declarou culpado por ter mentido ao FBI sobre conversas que teve com o então embaixador russo, Sergey Kislyak, em dezembro do

ano passado, quando já havia sido escolhido por Trump como assessor na Casa Branca. No dia 22 de dezembro, o objetivo era coordenar com os russos os votos no Conselho de Segurança da ONU sobre assentamentos de Israel. E, no dia 29, ambos teriam conversado sobre as sanções que o governo Obama tinha imposto a Moscou. Diversos veículos americanos, como a NBC e a CNN, afirmam que estas ordens partiram de Jared Kushner, genro de Trump e um dos mais poderosos assessores do presidente na Casa Branca.

Após depor em tribunal em Washington, Flynn divulgou uma nota explicando sua decisão de colaborar com as investigações:

"Minha declaração de culpa e concordância em cooperar refletem uma decisão que tomei no melhor interesse da minha família e do nosso país. Eu assumo completa responsabilidade pelas minhas ações", informa no documento.

A Casa Branca se apressou para negar envolvimento no caso. "As declarações falsas (de Flynn) resultaram em sua demissão em fevereiro deste ano. Nada sobre o argumento de culpa ou a acusação envolve qualquer pessoa que não seja o Sr. Flynn. A conclusão desta fase do trabalho da investigação especial demonstra novamente que a investigação está se movendo com toda a velocidade e pode ter um desfecho rápido e razoável", afirmou em nota Ty Cobb, advogado da Casa Branca.

Mas fontes do governo disseram à imprensa americana, sob sigilo, que a colaboração de Flynn com a investigação, embora esperada pelo governo desde que seus advogados pararam de falar com os advogados de Trump, foi algo muito ruim. E pegou a Casa Branca de surpresa, num dia que era para ser de festa com a aprovação da reforma tributária de Trump no Senado e a confraternização de fim de ano na residência presidencial.

O governo de Barack Obama afirmou ter provas de que russos invadiram os computadores do Partido Democrata e divulgaram informações sigilosas para prejudicar Hillary, o que embasou sanções. Mas Trump, apesar destas evidências, continua dizendo acreditar no presi-

dente russo, Vladimir Putin, que nega qualquer interferência.

— Ele (Putin) disse que não interferiu (nas eleições americanas), eu perguntei novamente. Ele não fez o que estão dizendo... Toda vez que ele me vê, ele diz: "Eu não fiz isso", e eu realmente acredito — disse Trump aos repórteres no dia 13 de novembro.

Flynn, que chegara a ser cogitado como vice de Trump, mas ficou menos de um mês no cargo, era um nome próximo do presidente. Ele fez um dos mais emocionados discursos na convenção republicana, pedindo a prisão de Hillary Clinton pelas supostas irregularidades nos e-mails da democrata — as denúncias acabaram arquivadas pelo FBI. Ontem, ao vê-lo chegar para depor, o público na calçada diante do tribunal em Washington revideou, pedindo sua prisão. Flynn também é acusado de receber e ocultar recursos de governos estrangeiros em troca de lobby, o que é proibido para ex-militares americanos.

Analistas confirmam que esta denúncia é mais grave que aquela que atingiu antigos colaboradores da campanha de Trump na última leva de acusações de Mueller. No fim de outubro, o procurador especial indiciou Paul Manafort, ex-chefe da campanha de Trump, e seu sócio Rick Gates por lavagem de dinheiro em consultorias — o governo contestou a decisão alegando que foram fatos anteriores à campanha. Mueller também acusou — e agora está contando com a delação premiada — George Papadopoulos, ex-assessor da campanha republicana que também teve contatos com autoridades russas, e que foi considerado pela Casa Branca, na época, um "assessor de pegar cafezinho" para minimizar as acusações.

— A denúncia de agora é muito mais forte, pois vai ao coração do poder — afirmou Juan Carlos Hidalgo, analista do Cato Institute. — Além disso, temos que lembrar que a investigação original do FBI era sobre as relações entre Flynn e a Rússia. Trump tentou interferir nisso. Temos que saber, agora, se o presidente chegou a demitir um diretor do FBI por lealdade ou amizade ou se Trump temia as informações que Flynn detém. ●

Análise

Situação do presidente fica mais complicada

Admissão de mentiras sobre Rússia por Flynn dificulta demissão de promotor

NOAH FELDMAN
Da Bloomberg

A notícia de que Michael Flynn declarou-se culpado por ofensas relacionadas à Rússia é surpreendente, por várias razões. As mentiras que ele contou ao FBI foram sobre ter solicitado ao embaixador russo nos EUA, Sergey Kislyak, favores políticos durante a transição presidencial — alguns dos quais o embaixador concedeu. As mentiras ocorreram quando Flynn já era assessor de Segurança Nacional e Donald Trump, presidente. O fato de que Flynn mentiu sobre contatos com a Rússia parece particularmente suspeito.

O conteúdo das conversas Flynn-Kislyak aprofunda a narrativa que o promotor especial Robert Mueller vem construindo: outras admissões de culpa revelaram esforços russos de conectar-se com a campanha de Trump; este revela contatos oficiais entre a equipe de Trump e a Rússia após a eleição — contato significativo o suficiente para Flynn mentir ao FBI.

O fato de que as mentiras dizem respeito à Rússia torna politicamente mais difícil para Trump demitir Mueller ou perdoar Flynn do que se envolvesse outros problemas legais de Flynn sobre seu trabalho não declarado de lobista em favor da Turquia. Os promotores poderiam ter escolhido qualquer ato criminoso de Flynn para sua declaração inicial de culpa. Em negociações com alguém apanhado cometendo crimes, os promotores federais têm a maior parte do poder. O objetivo da declaração de culpa é colocar Flynn no gancho e fazer com que continue a cooperar. Agora que admitiu um crime, eles podem pedir uma pena mais dura se ele não cooperar e uma mais leve se o fizer. E mais, podem acrescentar outras acusações posteriormente se quiserem.

Quanto mais contatos Mueller conseguir exibir, mais perto estará de uma narrativa que mostre uma cooperação conspiratória de Rússia e Trump

Tudo isso significa que a equipe de Mueller escolheu a acusação específica. E que ela se insere na narrativa que estão criando. E porque Trump deixou escapar que está considerando demitir o promotor especial, Mueller precisa fazer mais do que simplesmente levar o processo adiante se não quiser ser demitido. Ele precisa formatar a percepção pública de sua investigação para reduzir a probabilidade — sugerindo que sua demissão seria um ato de obstrução de Justiça pelo presidente.

É surpreendente que Flynn estivesse diretamente levando a cabo política externa antes de que a equipe de Trump assumisse. É ainda mais surpreendente que ele estivesse, pelo menos implicitamente, trabalhando contra as políticas do governo do presidente Barack Obama. No mesmo dia em que sanções estavam sendo impostas, Flynn estava pedindo à Rússia que não reagisse muito agressivamente. A implicação clara é que Flynn disse ou sugeriu a Kislyak que o governo Trump iria tentar reverter as sanções.

A questão realmente interessante aqui é que Flynn tenha se dado ao trabalho de mentir sobre esses contatos com Kislyak. Uma possibilidade é que tenha mentido porque estava tentando ocultar um curso maior de contatos entre a equipe de Trump e a Rússia. Uma admissão de culpa anterior à equipe de Mueller mostrou que a Rússia estava tentando fazer mais contatos com a campanha. Quanto mais contatos Mueller conseguir exibir, mais perto ele estará de uma narrativa que mostre uma cooperação conspiratória entre a Rússia e Trump. ●

CONHEÇA OS OUTROS NOMES ENVOLVIDOS ATÉ AGORA NO INQUÉRITO

O promotor especial

ROBERT MUELLER

Apontado para comandar as investigações sobre as ligações entre a campanha de Trump e a Rússia, Mueller indiciou Manafort e Gates, e investiga o presidente por obstrução de Justiça.



Os demais acusados

PAUL MANFORT

Após depor e submeter mais de 300 páginas de documentos ao Senado, Manafort, que comandou a campanha até agosto de 2016, está em prisão domiciliar. Mas se declarou inocente.



RICK GATES

Sócio e vice de Manafort durante a campanha, foi indiciado e responde a 12 acusações que vão de perjúrio a lavagem de dinheiro. Entregou o passaporte às autoridades e se declarou inocente.



GEORGE PAPADOPOULOS

Elogiado por Trump na campanha, Papadopoulos, que atuou como conselheiro de política externa, também confessou ter mentido sobre suas relações com a Rússia.



